

Enfermagem Transcultural na Amazônia: um relato de experiência com a comunidade indígena Sateré-Mawé

Transcultural Nursing in the Amazon: an experience report with the Sateré-Mawé indigenous Community

Enfermería transcultural en la Amazonía: un relato de experiencia con la comunidad indígena Sateré-Mawé

Laura Pacheco Sousa Alves

Graduanda em Enfermagem

Instituição de formação: Universidade Federal de Uberlândia

Endereço: Uberlândia – Minas Gerais, Brasil

E-mail: laura.pacheco@ufu.br

Glênio Alves de Freitas

Docente da Faculdade de Medicina

Instituição de formação: Universidade Federal de Uberlândia – Campus Umuarama

Endereço: Uberlândia – Minas Gerais, Brasil

E-mail: glenio.freitas@ufu.br

RESUMO

A saúde indígena no Brasil historicamente enfrenta desafios relacionados à marginalização cultural, às barreiras de acesso aos serviços de saúde e à desvalorização dos saberes tradicionais. Nesse contexto, a enfermagem transcultural emerge como uma abordagem fundamental para a promoção de um cuidado humanizado e culturalmente congruente. O presente estudo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por uma estudante de enfermagem durante a participação na missão UNIVIDA junto à comunidade indígena Sateré-Mawé, localizada na região amazônica. Trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo, baseado na observação direta e na participação em atividades assistenciais e educativas desenvolvidas no território indígena. As ações realizadas incluíram triagens de saúde, orientações preventivas, encaminhamentos clínicos e interação com práticas tradicionais de cuidado, como o uso de fitoterápicos locais. A experiência evidenciou desafios relacionados às barreiras linguísticas, às relações de gênero e à dificuldade de acesso contínuo aos serviços de saúde, além da necessidade de adaptação das práticas profissionais às especificidades culturais da comunidade. Conclui-se que a enfermagem transcultural constitui uma ferramenta essencial para a qualificação da assistência à saúde indígena, reforçando a importância de políticas públicas inclusivas e de uma formação profissional sensível à diversidade cultural.

Palavras-chave: enfermagem, saúde indígena, cuidado transcultural, práticas tradicionais, Amazônia.

ABSTRACT

Indigenous health in Brazil has historically faced challenges related to cultural marginalization, limited access to health services, and the undervaluation of traditional knowledge. In this context, transcultural nursing emerges as a fundamental approach to promoting humanized and culturally congruent care. This study aims to report the experience of a nursing student during participation in the UNIVIDA mission with the Sateré-Mawé indigenous community located in the Amazon region. This is a descriptive experience report based on direct observation and participation in healthcare and educational activities carried out within the indigenous territory. The actions developed included health screenings, preventive guidance, clinical referrals, and interaction with traditional care practices, such as the use of local phytotherapy. The experience highlighted challenges related to language barriers, gender relations, and difficulties in continuous access to health services, as well as the need to adapt professional practices to the cultural specificities of the community. It is concluded that transcultural nursing represents an essential tool for improving indigenous healthcare, reinforcing the importance of inclusive public policies and professional training sensitive to cultural diversity.

Keywords: nursing, indigenous health, transcultural nursing, traditional medicine, Amazon region.

RESUMEN

La salud indígena en Brasil ha enfrentado históricamente desafíos relacionados con la marginación cultural, las barreras de acceso a los servicios de salud y la desvalorización de los saberes tradicionales. En este contexto, la enfermería transcultural surge como un enfoque fundamental para promover una atención humanizada y culturalmente congruente. El presente estudio tiene como objetivo relatar la experiencia vivida por una estudiante de enfermería durante su participación en la misión UNIVIDA junto a la comunidad indígena Sateré-Mawé, ubicada en la región amazónica. Se trata de un relato de experiencia de carácter descriptivo, basado en la observación directa y en la participación en actividades asistenciales y educativas desarrolladas en el territorio indígena. Las acciones realizadas incluyeron triajes de salud, orientaciones preventivas, derivaciones clínicas e interacción con prácticas tradicionales de cuidado, como el uso de fitoterapia local. La experiencia evidenció desafíos relacionados con las barreras lingüísticas, las relaciones de género y las dificultades en el acceso continuo a los servicios de salud, así como la necesidad de adaptar las prácticas profesionales a las especificidades culturales de la comunidad. Se concluye que la enfermería transcultural constituye una herramienta esencial para cualificar la atención a la salud indígena, reforzando la importancia de políticas públicas inclusivas y de una formación profesional sensible a la diversidad cultural.

Palabras clave: enfermería, salud indígena, enfermería transcultural, medicina tradicional, región amazónica.

1 INTRODUÇÃO

A saúde indígena no Brasil é historicamente marcada por processos de exclusão social,

marginalização cultural e dificuldades no acesso aos serviços públicos de saúde. Durante longos períodos, as políticas indigenistas foram implementadas de forma centralizada e desconsideraram os saberes tradicionais e as especificidades socioculturais dos povos indígenas, resultando em práticas assistenciais pouco efetivas e, muitas vezes, impositivas (FUNAI, 2018). Embora avanços tenham sido alcançados a partir da Constituição Federal de 1988, desafios estruturais persistem, especialmente em regiões de difícil acesso, como a Amazônia.

A criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena representou um marco importante na tentativa de garantir uma atenção diferenciada, porém a assistência à saúde ainda enfrenta limitações relacionadas à logística, à escassez de profissionais capacitados e à dificuldade de articulação entre o modelo biomédico e os sistemas tradicionais de cuidado (Pagliari; Santos; Coimbra Júnior, 2020). Nesse cenário, a atuação dos profissionais de saúde exige competências que ultrapassem o domínio técnico, incorporando sensibilidade cultural, escuta qualificada e respeito às práticas e crenças das comunidades indígenas.

A enfermagem transcultural, fundamentada na Teoria do Cuidado Cultural, propõe um modelo de cuidado culturalmente congruente, alinhado aos valores, crenças e modos de vida dos grupos atendidos (Leininger, 2002). Essa abordagem se mostra especialmente relevante em contextos indígenas, nos quais o cuidado em saúde está profundamente associado a aspectos simbólicos, espirituais e comunitários. A valorização dos saberes tradicionais e o diálogo intercultural contribuem para a construção de vínculos de confiança e para a efetividade das ações de saúde.

A comunidade indígena Sateré-Mawé, localizada na região amazônica, apresenta indicadores epidemiológicos que refletem desigualdades sociais e sanitárias, como elevada taxa de fecundidade, mortalidade infantil significativa e acesso intermitente aos serviços de saúde, em razão da atuação de equipes volantes do Distrito Sanitário Especial Indígena (Instituto Socioambiental, 2025; Repórter Parintins, 2025). Nesse contexto, iniciativas voluntárias, como a Associação Humanitária Universitários em Defesa da Vida (UNIVIDA), têm desempenhado papel complementar na oferta de atendimentos e ações educativas, respeitando a cultura local e promovendo a integração entre saberes tradicionais e científicos (UNIVIDA, 2025).

Diante desse panorama, torna-se pertinente relatar experiências que evidenciem a prática da enfermagem transcultural em contextos indígenas, contribuindo para a reflexão crítica sobre a formação profissional e a qualificação da assistência à saúde indígena.

OBJETIVO

Relatar a experiência vivenciada por uma estudante de enfermagem durante a participação na missão UNIVIDA junto à comunidade indígena Sateré-Mawé, na região amazônica, destacando os desafios, as estratégias adotadas e a relevância da enfermagem transcultural no cuidado à saúde indígena.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A saúde indígena no Brasil é atravessada por processos históricos de exclusão, desigualdades estruturais e desafios persistentes relacionados ao acesso, à qualidade e à adequação cultural dos serviços de saúde. Mesmo após o reconhecimento constitucional dos direitos dos povos indígenas, as políticas públicas de saúde ainda enfrentam dificuldades para garantir uma atenção integral e culturalmente sensível, especialmente em contextos amazônicos e em territórios de difícil acesso (FUNAI, 2018). A organização do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena representa um avanço institucional, porém limitações logísticas, escassez de profissionais qualificados e fragilidades na articulação entre níveis de atenção permanecem como entraves à efetivação do cuidado (Pagliari; Santos; Coimbra Júnior, 2020).

Estudos recentes apontam que a atenção especializada e hospitalar frequentemente reproduz práticas biomédicas padronizadas, pouco sensíveis às especificidades socioculturais indígenas, o que gera barreiras comunicacionais, dificuldades de adesão ao tratamento e sentimentos de invisibilidade por parte dos usuários indígenas (Casagrande et al., 2024). A literatura também evidencia que aspectos linguísticos, simbólicos e semióticos influenciam diretamente a formação e a atuação dos profissionais de enfermagem no cuidado a populações indígenas, demandando estratégias formativas que valorizem a interculturalidade e a comunicação culturalmente adequada (Castro et al., 2025).

Nesse cenário, a enfermagem ocupa papel estratégico na organização do cuidado, especialmente na atenção primária e nas ações de promoção da saúde. A teoria do Cuidado Cultural, proposta por Leininger (2002), fundamenta a enfermagem transcultural ao defender que

o cuidado deve ser culturalmente congruente, respeitando valores, crenças, práticas e modos de vida dos grupos atendidos. Pesquisas nacionais e internacionais demonstram que a aplicação dessa abordagem favorece a construção de vínculos, a humanização da assistência e a efetividade das intervenções em saúde indígena (Lima et al., 2023; Nunuyoma et al., 2024).

Revisões de escopo sobre o cuidado de enfermagem à saúde indígena indicam que práticas culturalmente diferenciadas, quando integradas aos serviços de saúde, contribuem para melhores desfechos clínicos e para o fortalecimento da autonomia comunitária, embora ainda existam lacunas na formação profissional e na produção científica sobre o tema (Monteiro et al., 2023; Silveira et al., 2025). Além disso, o papel do enfermeiro no manejo de condições crônicas, como a hipertensão arterial em populações indígenas, evidencia a necessidade de estratégias que considerem os determinantes sociais, os saberes tradicionais e o protagonismo comunitário (Oliveira et al., 2021).

As relações de gênero e as masculinidades indígenas também influenciam os processos de cuidado, especialmente em contextos de adoecimento coletivo, como observado durante a pandemia de COVID-19. Estudos qualitativos apontam que práticas tradicionais de cuidado, mediadas por lideranças masculinas, podem tanto facilitar quanto restringir o acesso aos serviços de saúde, exigindo dos profissionais sensibilidade cultural e ética na condução das ações assistenciais (Damasceno et al., 2025). Do mesmo modo, experiências vivenciadas durante a pandemia evidenciaram fragilidades estruturais, mas também estratégias de resistência e adaptação das comunidades indígenas frente às crises sanitárias (Silva et al., 2023).

No contexto amazônico, a saúde indígena é impactada ainda por fatores ambientais, territoriais e econômicos, como a mineração em terras indígenas, que gera repercussões diretas sobre os modos de vida, a segurança alimentar e o perfil epidemiológico dessas populações (Pacheco et al., 2024). Abordagens integradas, como o conceito de One Health, reforçam a interdependência entre saúde humana, ambiental e animal, sendo particularmente relevantes para comunidades indígenas que mantêm relação direta com o território (Riley et al., 2021).

A comunidade Sateré-Mawé, situada majoritariamente na Terra Indígena Andirá-Marau, apresenta características demográficas, sociais e culturais específicas, com destaque para a organização comunitária, o uso da língua materna e a centralidade das práticas tradicionais de cuidado (Instituto Socioambiental, 2025). Relatos institucionais e jornalísticos evidenciam que o acesso aos serviços de saúde ocorre de forma intermitente, dependente da atuação de equipes

volantes do Distrito Sanitário Especial Indígena, o que reforça a vulnerabilidade sanitária da população (Repórter Parintins, 2025). Organismos internacionais também apontam desigualdades persistentes nos indicadores de saúde infantil e materna entre os Sateré-Mawé, associadas a fatores socioeconômicos e territoriais (UNICEF, 2025).

Nesse contexto, iniciativas voluntárias e extensionistas, como a missão UNIVIDA, têm desempenhado papel complementar na oferta de ações assistenciais, educativas e preventivas, promovendo a integração entre saberes científicos e tradicionais e contribuindo para a formação de profissionais mais sensíveis à diversidade cultural (UNIVIDA, 2025). A literatura aponta que relatos de experiência configuram uma estratégia metodológica relevante para a produção de conhecimento em saúde, ao possibilitar a reflexão crítica sobre a prática profissional e o fortalecimento de abordagens interculturais no cuidado (Lima et al., 2023; Monteiro et al., 2023).

Dessa forma, o referencial teórico apresentado sustenta a análise da experiência relatada neste estudo, ao evidenciar que a enfermagem transcultural, aliada a políticas públicas inclusivas e à valorização dos saberes indígenas, constitui um caminho fundamental para a qualificação da atenção à saúde indígena e para a construção de práticas profissionais éticas, humanizadas e culturalmente congruentes.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência, de abordagem qualitativa e descritiva, fundamentado na vivência de uma estudante de enfermagem durante a participação na missão UNIVIDA junto à comunidade indígena Sateré-Mawé, localizada na região amazônica. O relato tem como foco a descrição e a reflexão crítica das práticas assistenciais e educativas desenvolvidas no contexto da atenção à saúde indígena, considerando os aspectos socioculturais, organizacionais e profissionais envolvidos na experiência.

A experiência ocorreu durante uma expedição voluntária organizada pela missão UNIVIDA, envolvendo uma equipe multiprofissional composta por profissionais e estudantes das áreas de enfermagem, medicina, odontologia, psicologia, fisioterapia e voluntários de apoio. A inserção no território foi precedida por articulações institucionais com lideranças locais e

seguir os protocolos estabelecidos pelos órgãos responsáveis pela saúde indígena, respeitando a organização social, cultural e territorial da comunidade.

A coleta das informações deu-se por meio da observação direta, da participação nas atividades assistenciais e do registro reflexivo da experiência, contemplando aspectos relacionados à organização dos atendimentos, às interações entre profissionais e comunidade, às barreiras linguísticas e culturais, bem como às estratégias adotadas para a promoção do cuidado culturalmente congruente. As atividades desenvolvidas incluíram triagens de saúde, orientações preventivas, encaminhamentos clínicos e a interação com práticas tradicionais de cuidado, respeitando os saberes locais.

A análise da experiência foi realizada de forma descritiva e interpretativa, a partir da sistematização das observações e reflexões produzidas ao longo da vivência, articulando-as com o referencial teórico adotado no estudo. Essa análise buscou identificar desafios, potencialidades e aprendizados decorrentes da atuação em um contexto intercultural, sem a pretensão de generalização dos achados, mas com o intuito de contribuir para a reflexão sobre a formação em enfermagem e a prática profissional em saúde indígena.

No que se refere aos aspectos éticos, o relato respeita os princípios da dignidade humana, do anonimato e da confidencialidade, não havendo identificação nominal de participantes, indivíduos ou situações que possam comprometer a privacidade da comunidade. A experiência relatada não envolveu procedimentos invasivos ou coleta de dados sensíveis, estando alinhada aos princípios éticos que regem pesquisas e relatos de experiências em contextos comunitários.

Como limitação do estudo, destaca-se o caráter pontual da experiência e o tempo restrito de permanência na comunidade, o que impossibilita uma análise aprofundada de processos de longo prazo. Ainda assim, o relato oferece subsídios relevantes para a compreensão da prática da enfermagem transcultural em contextos indígenas e para a reflexão sobre estratégias de cuidado culturalmente sensíveis.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da experiência vivenciada durante a missão UNIVIDA junto à comunidade indígena Sateré-Mawé evidenciam aspectos centrais relacionados à prática da enfermagem em contextos interculturais, especialmente no que se refere às barreiras de acesso à saúde, à

comunicação entre profissionais e comunidade e à necessidade de adaptação das práticas assistenciais às especificidades socioculturais locais.

Um dos principais achados refere-se às dificuldades de acesso contínuo aos serviços de saúde, decorrentes da atuação intermitente das equipes do Distrito Sanitário Especial Indígena e das limitações logísticas impostas pelo território amazônico. Essa realidade impacta diretamente o acompanhamento de condições crônicas, a continuidade do cuidado e a efetividade das ações preventivas, conforme já apontado na literatura sobre a organização da atenção à saúde indígena (Pagliari; Santos; Coimbra Júnior, 2020; Repórter Parintins, 2025). Observou-se que muitos atendimentos realizados durante a missão tinham caráter pontual, reforçando a importância de estratégias complementares de cuidado.

Outro resultado relevante foi a presença de barreiras linguísticas e culturais durante os atendimentos, que exigiram mediação constante e adaptação da linguagem profissional. A comunicação, frequentemente intermediada por familiares ou lideranças locais, revelou-se um elemento central para o estabelecimento de vínculos e para a compreensão das orientações em saúde. Esse achado dialoga com estudos que destacam a influência de aspectos linguísticos e simbólicos na formação e na atuação da enfermagem em contextos indígenas, bem como a necessidade de práticas culturalmente congruentes (Castro et al., 2025; Leininger, 2002).

As relações de gênero também emergiram como fator condicionante da assistência, especialmente no atendimento a mulheres e crianças, nas quais a autorização masculina foi, em alguns casos, necessária para a realização de procedimentos. Esse resultado corrobora análises que evidenciam o papel das masculinidades indígenas nos processos de cuidado e tomada de decisão em saúde, demandando dos profissionais sensibilidade cultural e ética na condução das ações (Damasceno et al., 2025).

A experiência evidenciou ainda a centralidade das práticas tradicionais de cuidado, como o uso de óleos e fitoterápicos locais, reconhecidos pela comunidade como parte integrante do processo de cura. A interação respeitosa entre os saberes tradicionais e o conhecimento biomédico contribuiu para a construção de um cuidado mais humanizado e para o fortalecimento da confiança entre profissionais e usuários. Estudos apontam que a valorização dessas práticas favorece a adesão às orientações em saúde e a autonomia comunitária, especialmente quando articulada à enfermagem transcultural (Lima et al., 2023; Silveira et al., 2025).

No campo da formação profissional, a vivência revelou-se um espaço potente de aprendizagem, ao evidenciar a necessidade de competências que extrapolam o domínio técnico, como escuta qualificada, flexibilidade e sensibilidade intercultural. Esse resultado é consonante com pesquisas que destacam o impacto de experiências em territórios indígenas na construção de práticas profissionais mais éticas e culturalmente sensíveis (Nunuyoma et al., 2024; Monteiro et al., 2023).

Ao discutir esses resultados à luz da literatura, observa-se que a enfermagem transcultural constitui um eixo fundamental para a qualificação da atenção à saúde indígena, especialmente em contextos amazônicos marcados por desigualdades territoriais e socioeconômicas. A experiência relatada reforça achados que apontam para a necessidade de integração entre políticas públicas, práticas assistenciais e saberes tradicionais, considerando ainda os impactos de fatores ambientais e territoriais sobre a saúde indígena (Pacheco et al., 2024; Riley et al., 2021).

Como limitação do estudo, destaca-se o caráter pontual da experiência e o tempo restrito de permanência na comunidade, o que impede a avaliação de desfechos de longo prazo e a generalização dos resultados. Ainda assim, os achados oferecem subsídios relevantes para a reflexão sobre a prática da enfermagem em contextos interculturais e indicam a importância de pesquisas futuras que explorem, de forma longitudinal, o impacto da formação de profissionais culturalmente sensíveis e da participação de indígenas na área da saúde.

Dessa forma, os resultados e discussões apresentados contribuem para o avanço do conhecimento sobre a enfermagem transcultural e reforçam a necessidade de estratégias que promovam um cuidado ético, humanizado e culturalmente congruente junto às populações indígenas.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo relatar a experiência vivenciada por uma estudante de enfermagem durante a participação na missão UNIVIDA junto à comunidade indígena Sateré-Mawé, na região amazônica, destacando os desafios e as potencialidades da prática da enfermagem em um contexto intercultural. A experiência permitiu compreender, de forma

concreta, como fatores culturais, territoriais e organizacionais influenciam o acesso e a qualidade da atenção à saúde indígena.

Os principais achados evidenciaram a presença de barreiras linguísticas e culturais, a influência das relações de gênero nos processos de cuidado, as limitações decorrentes do acesso intermitente aos serviços de saúde e a centralidade das práticas tradicionais como elementos fundamentais no cuidado à saúde. Esses aspectos reforçam a necessidade de adaptação das práticas profissionais às especificidades socioculturais das comunidades indígenas, conforme preconiza a enfermagem transcultural.

A experiência também contribuiu significativamente para a formação profissional, ao evidenciar que a atuação em territórios indígenas demanda competências que extrapolam o domínio técnico, como escuta qualificada, sensibilidade cultural e abertura ao diálogo intercultural. Nesse sentido, a vivência relatada reafirma a relevância de iniciativas extensionistas e voluntárias como espaços formativos capazes de promover uma prática de enfermagem mais ética, humanizada e culturalmente congruente.

Do ponto de vista teórico e prático, o estudo reforça a importância da enfermagem transcultural como referencial para a qualificação da atenção à saúde indígena e aponta para a necessidade de políticas públicas que valorizem a formação de profissionais sensíveis à diversidade cultural, bem como estratégias que fortaleçam a integração entre saberes científicos e tradicionais. Assim, o relato contribui para o avanço do conhecimento na área da saúde indígena, ao oferecer subsídios para a reflexão crítica sobre a prática profissional e a formação em enfermagem em contextos interculturais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Associação Humanitária Universitários em Defesa da Vida (UNIVIDA) pela oportunidade da vivência extensionista e à comunidade indígena Sateré-Mawé pela acolhida, confiança e partilha de saberes que possibilitaram a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CASAGRANDA, F.; LUZ, V. G.; MARTINS, C. P.; DIAS-SCOPEL, R. P.; FERNANDES, R.; FONSECA, W. A saúde indígena na atenção especializada: perspectiva dos profissionais de saúde em um hospital de referência no Mato Grosso do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 6, e00094622, 2024.
- CASTRO, N. J. C.; GAVIÃO, P. L.; SANTOS, A. L. P.; PAES, F. T. Linguistics and semiotics in indigenous and non-indigenous people's training and performance in nursing. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, e20250023, 2025. DOI: 10.1590/1980-220X-REEUSP-2025-0023en.
- DAMASCENO, J. C. R. T. R. A.; RODRIGUES, E. D. O. S.; BORGES, W. D.; CAMARGO, C. L.; SOUSA, A. R. Indigenous masculinities and health: a qualitative analysis of traditional care in the context of the COVID-19 pandemic and post-pandemic period. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 11, e14652023, 2025.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Histórico institucional e políticas indigenistas. Brasília, 2018.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Povos indígenas no Brasil: Sateré-Mawé. 2025. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/povos-indigenas/satere-mawe>. Acesso em: 1 out. 2025.
- JAMIESON, L.; HEDGES, J.; PERES, M. A.; GUARNIZO-HERREÑO, C. C.; BASTOS, J. L. Challenges in identifying indigenous peoples in population oral health surveys: a commentary. *BMC Oral Health*, London, v. 21, n. 1, p. 216, 2021.
- LEININGER, M. Culture care diversity and universality: a theory of nursing. 2. ed. Sudbury: Jones and Bartlett Publishers, 2002.
- LIMA, A. F. S. et al. Nursing care for the Warao people: an experience report in the light of Transcultural Theory. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 57, e20230035, 2023.
- MONTEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, L. E. A.; FROTA, N. M. et al. Nursing care for the health of Indigenous populations: a scoping review. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 28, e91074, 2023.
- NUNUYOMA, V. et al. Transcultural nursing: a qualitative analysis of nursing students' experiences. *BMC Nursing*, London, v. 23, e10870613, 2024.
- OLIVEIRA, M. V. G. et al. Coping with hypertension among Indigenous peoples in Brazil: strategic role of nurses in primary care. *Nursing Reports*, Basel, v. 11, n. 4, p. 942–954, 2021.

PACHECO, W. S.; SANTOS, D. N.; NASCIMENTO, M. T. A.; MESQUITA, D. S.; NAKA, K. S.; COSTA, N. C. Saúde e práticas de mineração em terras indígenas: repercussões sobre a saúde. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 29, e92031, 2024.

PAGLIARI, A.; SANTOS, R. V.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. Demografia de um povo indígena da Amazônia brasileira: os Sateré-Mawé. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 1–22, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/T8qf9YH4rBqKVTTfsggGGSQ/?lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2025.

REPÓRTER PARINTINS. DSEI Parintins busca concluir UBSI na área indígena Sateré-Mawé. 2025. Disponível em: <https://reporterparintins.com.br/?q=276-conteudo-73055-dsei-parintins-busca-concluir-ubsi-na-area-indigena-satere-mawe-e-hexkariana>. Acesso em: 1 out. 2025.

RILEY, T.; ANDERSON, N. E.; LOVETT, R.; MEREDITH, A.; CUMMING, B.; THANDRAYEN, J. One Health in Indigenous Communities: a critical review of the evidence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basel, v. 18, n. 21, p. 11303, 2021.

SILVA, L. M. V. G.; PEREIRA, T. C. S.; OLIVEIRA, J. L. P.; SANTOS, R. A. et al. Experiências de saúde indígena durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: reflexões e desafios. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 32, e230123, 2023.

SILVEIRA, L. B. et al. Guia de cuidados de enfermagem à população indígena com práticas culturalmente diferenciadas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, publicação online, 2025.

SOUZA, J. F.; FIORI, A. L. “É melhor se resguardar, porque nós somos invisíveis diante do Estado Brasileiro”: práticas tradicionais Sateré-Mawé como estratégia de proteção. *Maloca: Revista de Estudos Indígenas*, Campinas, v. 4, e021001, 2021. DOI: 10.20396/maloca.v4i00.13789.

UNICEF. Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/satare-mawe>. Acesso em: 1 out. 2025.

UNIVIDA. Missão UNIVIDA – União da Vida. 2025. Disponível em: <https://www.univida.org.br/missao>. Acesso em: 1 out. 2025.